

**GISLANE COSTA SILVA, MARIA FERNANDES
& MARINA ROMANO ALEIXO**

gislainecosta_91@hotmail.com; mariafernandeshm@gmail.com; nina_romano@hotmail.com

**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS/ INFORMATION
MANAGEMENT SCHOOL, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL**

COMPORTAMENTO INFORMACIONAL E LITERACIA DIGITAL: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

RESUMO

Vive-se numa sociedade da informação na qual a cidadania digital está cada vez mais premente. Neste contexto, de forma a diminuir o fosso digital é urgente realizar estudos em torno dos comportamentos informacionais, nos quais se objetiva a análise das práticas para mensurar as necessidades dos cidadãos e assim ajudá-los a adquirir e desenvolver habilidades e literacias. A presente comunicação constitui um relato de uma experiência pedagógica desenvolvida numa das disciplinas do Mestrado em Gestão e Curadoria da Informação, da NOVA-FCSH/IMS, a qual reflete sobre a descrição das práticas informacionais de um grupo de estudantes do mestrado supracitado e a análise do seu comportamento informacional durante um determinado espaço de tempo.

Através de métodos de pesquisa de análise qualitativa e fenomenológica desenvolveu-se um modelo de comportamento informacional, permitindo a visualização global das práticas. De maneira a compreender aspetos específicos do comportamento do grupo, como as suas necessidades, procura, recolha, uso e satisfação na utilização da informação obtida.

Verificou-se, igualmente, que o papel da tecnologia foi de mediadora na pesquisa de informação e comunicação nos casos analisados. Além disso, após a reflexão, constatou-se que a ética informacional esteve presente em todos os comportamentos.

Esta experiência pedagógica revelou que fatores como a literacia informacional e digital, o contexto, o meio ambiente e fatores geracionais como a “geração Google” influenciam diretamente os hábitos e necessidades do grupo estudado.

PALAVRAS-CHAVE

comportamento informacional; literacias; experiência pedagógica; geração Google

1. INTRODUÇÃO

Há uma nova sociedade na qual se observa a emergência em formar cidadãos com competências digitais e informacionais, assim como a iminência no desenvolvimento de literacias ou multiliteracias para uso, compreensão e avaliação das fontes de informação. Esta sociedade lida com um grande volume de informação, a qual ganha um novo valor e altera o comportamento dos utilizadores, desde a forma de adquirir, processar e transmiti-la.

Assim, o estudo dos comportamentos informacionais como forma de analisar e compreender os modos e os contextos de produção e procura de informação é cada vez mais premente, com especial foco nos estudos autorreflexivos realizados pelo próprio indivíduo quanto à sua necessidade informacional. Apesar de inferir um certo grau de subjetividade, esta pode ser colmatada pela adoção de um comportamento ético, em relação à recolha da informação.

O presente estudo é um relato de uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito da disciplina de Fundamentos da Ciência da Informação, do Mestrado em Gestão e Curadoria da Informação, uma parceria entre duas faculdades da Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) e Information Management School (IMS).

Esta experiência apresenta uma reflexão sobre a descrição das práticas informacionais do conjunto de alunos, na sua maioria pertencentes à “geração Google”, e a análise do seu comportamento informacional durante um determinado espaço de tempo.

Através de métodos de pesquisa de análise qualitativa e fenomenológica, foram analisadas situações informacionais, desenvolvendo-se um modelo dos comportamentos observados que permite a visualização global das práticas.

Por meio da experiência pedagógica foi possível compreender aspetos específicos do comportamento do grupo em análise, como as suas necessidades, procura, recolha, uso e satisfação na utilização da informação obtida. Verificou-se, igualmente, que o papel da tecnologia foi de mediadora e principal fonte de pesquisa de informação e comunicação no caso analisado.

Esta experiência revelou que fatores como a literacia informacional e digital, o contexto, o meio ambiente e fatores geracionais influenciam diretamente os hábitos e necessidades do grupo estudado.

Este estudo pretende ser um contributo na área interdisciplinar da Gestão e Curadoria da Informação, nomeadamente no estudo dos

comportamentos informacionais, usos da literacia digital e das tecnologias de informação e comunicação (TIC), na medida em que aponta a importância das experiências pedagógicas em torno da observação e análise das práticas informacionais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Vive-se numa sociedade da informação, a qual, segundo Gouveia e Gouveia (2003, citado em Alves & Moreira, 2004, p.36), "lida com informação digital e (...) utiliza extensivamente as Tecnologias de Informação e da Comunicação (TIC)". Passou-se de uma interação social pessoal para uma interação constante através do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Essas novas tecnologias trouxeram novas situações desde o aumento de dados recolhidos por sensores até ao uso e desenvolvimento da inteligência artificial para executar funções que antes eram feitas somente por seres humanos, como por exemplo a apresentação de telejornais por *androids* (Specktor, 2018).

Outra grande mudança é quanto à utilização das TIC para exercer a cidadania na sociedade. A cidadania digital já foi posta em prática, devido ao amplo desenvolvimento tecnológico e à "geração Google" (Lanzi, Vechiato, Ferreira, Vidotti & Silva, 2012), pessoas que nasceram a partir da década de 1980 em diante, convivem e aprendem a interagir com as TIC e as incorporaram no seu quotidiano de forma contínua.

Segundo Hintz, Dencik e Wahl-Jorgensen, cidadania digital pode ser definida pelas ações das pessoas na sociedade através do uso das tecnologias.

Nós somos cidadãos digitais que cada vez mais interagimos com o nosso ambiente social e político através da *media* digital. Ferramentas e plataformas digitais tornaram-se essenciais para que participemos em sociedade. Entramos cada vez mais na esfera da atividade cívica através da *media* digital. (Hintz, Dencik & Wahl-Jorgensen, 2017, p. 731)

A mudança de paradigma da sociedade trouxe também a necessidade de capacitar o ser humano com outros tipos de literacias. A emergência da sociedade da informação e, por consequência, da própria informação e a sua utilização torna este um tema repetitivo, mas nem por isso menos meritório de reflexão. Aliás, é exemplo disso o "Congresso Literacia, *Media* e Cidadania" e os seus livros de atas (Pereira, 2011; Pereira & Pinto, 2017;

Pereira & Toscano, 2015; Silva & Pereira, 2014), onde as várias literacias ganham voz.

Nesta linha de pensamento, nunca é demais definir o conceito de literacia, que se entende como a capacidade de ler, escrever, interpretar e usar essas capacidades para adquirir conhecimentos, desenvolvê-los e participar ativamente na sociedade (Mallows, 2017). Não obstante, sendo uma prática social que visa desenvolver a atitude e pensamento crítico, deve-se falar de literacias, metaliteracias ou multiliteracias. Koltay (2014) apresenta o conceito de metaliteracia no seu artigo "*Big data, big literacies?*" explanando que metaliteracia vai além das habilidades tradicionais, focando-se na promoção do pensamento crítico e na colaboração e partilha em ambiente digital, predominante nos dias de hoje. Sahavirta (2017, p. 19), por seu turno, defende o termo multiliteracia, definindo-o como "a nossa habilidade para ler e usar diferentes fontes de informação como computadores e redes, além de as entender e avaliar na sua leitura". Isto é, ambos os autores vão ao encontro das literacias informacional e digital que irão permitir ao cidadão compreender e avaliar a informação que tem à sua disposição, quer seja em ambiente analógico ou digital.

Webber e Johnston (2003, citados em IFLA, 2019) advogam que "literacia da informação é a adoção do comportamento informacional apropriado para identificar por meio de qualquer canal ou *media*, informação adaptadas às necessidades informacionais, levando ao uso sábio e ético da informação na sociedade". Por outras palavras, é ter um comportamento informacional crítico em relação às fontes informacionais para satisfação da sua necessidade e utilização ética dessa informação na vida. Quanto à literacia digital, esta pode ser entendida como a capacidade de realizar pesquisas avançadas na web e nos diferentes dispositivos tecnológicos (Souza, Okada & Silva, 2014).

Essa geração, normalmente, possui um nível de literacia digital elevado, ou seja, sente-se mais confortável com as tecnologias no sentido em que é capaz de realizar pesquisas avançadas na web e nos diferentes dispositivos, procedendo a tarefas como: recolher, aceder, produzir, apresentar, trocar informação, comunicar e participar em redes colaborativas (Souza et al., 2014, p. 135), numa espécie de coaprendizagem (Barros, 2014), pois a ação humana deve ser norteada através da colaboração e partilha da informação entre todos.

Contudo, apesar de ter um alto nível de literacia digital, nem sempre possui elevado grau de literacia informacional. Portanto, devido ao des-nivelamento entre os tipos de literacia, a qualidade da informação nem

sempre é levada em conta na procura da mesma. Assim, independentemente do nome que se atribua às literacias, elas andam de mãos dadas e complementam-se umas às outras, sendo necessário desenvolver todas as capacidades e competências a elas subjacentes.

Posto isto, o comportamento informacional pode ser compreendido como o resultado de uma necessidade percebida pelo utilizador da informação que, desde o momento que a percebe, a procura, quer informal ou formalmente, de maneira a recolhê-la, usá-la e transferi-la (Wilson, 1999, citado em Ikoja-Odongo & Mostert, 2006, p. 148). Já as práticas informacionais são a realização de ações quanto à procura, ao uso e à partilha da informação (Rocha, Duarte & Paula, 2017, p. 39).

No que concerne às competências, estas podem ser definidas como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que capacitam os indivíduos para determinada tarefa. Se diz respeito às competências digitais, capacita-o para utilização sábia das TIC. Se diz respeito às competências informacionais, capacita-o a reconhecer uma necessidade de informação, onde procurá-la, como avaliá-la e como utilizá-la de forma ética de acordo com a sua necessidade (Godinho, Gonçalves & Almeida, 2015).

Nesta linha de pensamento, ética da informação diz respeito aos dilemas deontológicos ou conflitos morais que surgem na interação entre os seres humanos, as tecnologias e sistemas de comunicação e de informação a fim de refletir e, sobretudo, disciplinar a criação, a organização e o uso das informações (Freire, 2010).

Pela mesma razão, interessa refletir sobre as questões éticas que se prendem com o acesso à informação e à sua divulgação. Freitas e Meirinhos introduzem o conceito de infoética, um conceito que surge no contexto da sociedade informacional e evolução exponencial das TIC, demonstrando "preocupação pelo comportamento humano associado às problemáticas emergentes" (Freitas & Meirinhos, 2017 p. 185). A mudança do paradigma configura a alteração dos comportamentos informacionais, e as novas questões éticas associadas, a questão dos sexos e sua influência nas práticas. Apesar de o sexo ser algo inato, há uma construção de personalidade que é moldada também pelo contexto cultural e social em que o indivíduo se insere, existindo diferenças a nível físico, mental e social entre os géneros (Steinerová & Šušol, 2007).

Segundo Maghferat e Stock (2010), muitos estudos apontam as diferenças no comportamento de procura de informação entre utilizadores de diferentes géneros (Schmidt & Stock, 2009; Wilson, 1997; Xie, Bao & Morais, 2006; entre outros). Outros autores, contudo, como Urquhart e

Yeoman (2010) e Pathak e Maity (2017) apontam que não existem evidências que comprovem a conexão entre o comportamento informacional e as análises de género, dado que todos os estudos realizados foram específicos e não devem ser aplicados globalmente.

Outro tópico relevante quanto aos estudos de comportamento é quanto ao contexto. Tal como afirmam Urquhart e Yeoman (2010, p.114), "contexto é importante, e a procura da informação é um processo dinâmico". Contexto pode dizer respeito ao espaço, isto é, ao local ou cenário em que a prática informacional ocorre, pode dizer respeito à tecnologia como o uso de diferentes dispositivos tecnológicos e, por fim, ao contexto social que diz respeito à ligação das pessoas que pode ser mais ou menos formal (Silva, 2008). A sua ligação com o meio ambiente, no que concerne às questões políticas, sociais, económicas, tecnológicas, entre outras, torna ainda mais interessante de estudar estas relações.

3. METODOLOGIA

A experiência pedagógica consistiu na observação quanto aos comportamentos informacionais a partir da recolha consciente das práticas informacionais dos alunos do mestrado. Como, onde e por quais meios procuraram informação, com que frequência estavam expostos à mesma e como interagem com ela, independentemente dos dispositivos.

Este estudo diferencia-se de estudos prévios já desenvolvidos sobre comportamento informacional no decorrer dos anos, como observado nos livros de atas do "Congresso Literacia, *Media* e Cidadania" (como por exemplo, a pesquisa de Teresa Silveira, 2011), dado que estes pretendiam analisar grupos e não indivíduos e muito menos estudar a autorreflexão dos indivíduos sobre o seu próprio comportamento, como no artigo. Sobre a autoanálise é importante frisar que existe certo nível de subjetividade, porém como supramencionado, um dos requisitos para efetuar a atividade era a ética quanto à recolha e seleção dos dados, ou seja, ser o mais fiel possível aos acontecimentos.

Assim, como metodologia, criou-se um diário para registar os comportamentos informacionais durante três dias. Os dias (entre setembro e novembro de 2018) foram escolhidos pelos alunos de forma aleatória. Devido ao perfil demográfico diversificado do grupo, notou-se que estes registos foram feitos de diferentes formas: num documento Word em texto corrido ou em tabela, num caderno por tópicos, ou em notas no telemóvel, entre outros. Na descrição das práticas e na sua análise percebeu-se a

necessidade de criar categorias para alocar as atividades e precisar a sua descrição. Algumas das categorias utilizadas foram: contexto (local ou espaço em que a situação ocorre), o tempo (marca o início de cada situação e a sua duração), o material/instrumento (dispositivos tecnológicos, analógicos, assim como, interação social), o social (se estava sozinha ou acompanhada na situação ou se houve troca de mensagens ou emails ou interação pessoal), a atividade (o momento informacional ou ação realizada num período de tempo) e as barreiras (nível cognitivo, emocional, situacional e tecnológico). Também podia ainda existir a categoria satisfação ou não satisfação, ou seja, se conseguiu satisfazer ou não a sua necessidade.

Observou-se que a descrição das práticas, apesar da subjetividade, foi realizada de forma ética, que neste caso é referente a recolha imediata dos dados sobre as atividades conforme sua prática e a não omissão das atividades envolvendo o consumo de informação. Quanto às práticas omitidas nas descrições, estas não eram pertinentes ao estudo, como por exemplo, dormir, comer, banhar-se, ou seja, atividades não informacionais.

Com isso, para o desenvolvimento deste estudo, desconsiderou-se a questão de género. Por um lado porque o grupo analisado consiste em 96% de mulheres, e também porque não foram encontradas diferenças significativas no comportamento e práticas informacionais. Ademais o foco desta pesquisa foi o contexto e o meio ambiente (questões políticas, sociais, económicas, tecnológicas etc.) das práticas.

O tratamento dos dados foi realizado de forma diferente por cada aluno, visto que este está também ligado às competências e às diferentes literacias de cada um. Com a finalização do tratamento e da análise dos dados pôde-se exemplificar as atividades isoladamente e a partir disso foram desenvolvidos modelos que retratavam visualmente as práticas informacionais (através de gráficos complexos, mapas mentais, esquemas, etc.) e, assim, compreender o comportamento informacional, visto que a informação visualizada é mais bem entendida e mais facilmente absorvida pelos outros, como é estudado, por exemplo, nas ciências de gestão da informação.

4. RESULTADOS

Tendo por base a análise pessoal de cada indivíduo, foi possível traçar alguns pontos comuns e perceber os diferentes níveis de competências e literacias. Ressaltam-se abaixo os principais pontos observados:

- *atividades realizadas simultaneamente*: devido aos aglomerados informacionais, cada vez é mais difícil focar-se em apenas uma tarefa. Verificou-se que o grupo em estudo desempenhava várias tarefas ao mesmo tempo, como ouvir música e fazer uma pesquisa ou estudar inglês e ver uma série na Netflix;
- *alto uso da tecnologia*: observou-se que foram utilizados mais dispositivos tecnológicos do que analógicos durante as práticas informacionais. Uso de portáteis, tablets, telemóveis foram mais frequentes do que os meios analógicos como livros, jornais ou revistas para a procura e satisfação das necessidades informacionais;
- *mudança na utilização da tecnologia*: notou-se que mais de 90% dos alunos não assiste televisão e os que a utilizam, fazem-no para aceder à internet, ou como um meio para assistir séries da Netflix ou vídeos do YouTube, por exemplo. Outro exemplo é o telefone fixo que em nenhum momento foi citado pelos alunos, revelando o completo desuso desse meio de comunicação, dando preferência ao uso dos telemóveis, dado as variadas atividades que podem realizar com estes;
- *barreiras informacionais*: as situações informacionais devido a várias circunstâncias acarretam consigo barreiras a vários níveis: cognitivo, emocional, situacional e tecnológico. Por exemplo, a nível tecnológico, o telemóvel sofrer atualizações e devido a isso ter ficado ligeiramente mais lento em relação ao que era antes da atualização;
- *satisfação*: a satisfação ou não satisfação desse comportamento informacional está diretamente relacionado com as barreiras. Quando se encontra uma barreira (nomeadamente as supracitadas), o nível de satisfação da necessidade pode aumentar ou diminuir. Por exemplo, quando se pesquisa por uma viagem num site de viagens os *cookies* podem ter um papel determinante para a satisfação ou não satisfação daquela pesquisa;
- *contexto*: o contexto influencia diretamente na pesquisa, como observado, a nível espacial, tecnológico e social. Notou-se que os contextos se entrecruzam na maioria das vezes, estabelecendo uma relação contextual um tanto quanto complexa, na medida em que se torna difícil demonstrar todas as situações informacionais que se cruzam, sobrepõem e que coexistem. Como exemplo, as tarefas exercidas na faculdade são prioritariamente acompanhadas por colegas, enquanto as atividades feitas na rua são predominantemente realizadas sozinho.

Baseado nesses resultados, foi possível desenvolver o modelo conceptual (Figura 1) no qual a atividade é o ponto central e a partir dela o contexto é o que mais a influencia. A atividade ainda possui fatores intrínsecos

(social, tempo e material/instrumento) que ocorrem simultaneamente e não isoladamente. Esses fatores influem sobre as barreiras (ou não barreiras) do utilizador quanto à obtenção da informação e dessa forma, satisfazendo ou não a sua necessidade.



Figura 1: Modelo dos comportamentos informacionais

5. DISCUSSÃO

Nota-se que os comportamentos informacionais são influenciados por diversos fatores: ações individuais, espaço no qual a situação informacional ocorre, material ou instrumento utilizado, literacia informacional do utilizador, a sua localização geográfica e contexto social, além dos objetivos e das necessidades informacionais do mesmo. Devido ao facto de os indivíduos em estudo serem estudantes de mestrado, já gera um objetivo e uma necessidade inerentes ao estatuto, como as pesquisas académicas, e isso irá afetar a criação da informação (Gorichanaz, 2018). No entanto, a razão de fazê-lo digitalmente, ou não, expõe o facto de o estudante ter certo nível de literacia digital ou competências, mas que podem ser desenvolvidas ou analisadas nos seus comportamentos. Isso auxilia em primeiro lugar o autoconhecimento das necessidades informacionais, assim como revela a necessidade do desenvolvimento das habilidades dos utilizadores, dado que, ao entender as suas necessidades, é possível empreender outras formas de aprendizagem, como a coaprendizagem (Barros, 2014), pois criar informação implica aspetos sociais, mentais e físicos tal como descrito por Lund (2004, citado em Gorichanaz, 2018).

Conclui-se também que a idade e o local de residência (Lisboa, Portugal) influem na forma na qual acedem à informação, já que têm melhores

condições de acesso à internet, como desenvolvido por Calderaro (2009), do que teriam caso vivessem em outras áreas nas quais o uso da internet e de outros meios de comunicação digital não são acessíveis.

Foi possível verificar um alto uso de meios tecnológicos de interação pessoal como WhatsApp, Skype e Messenger. Pode-se explicar esse fator por haver diversos estudantes de outras nacionalidades e/ou estudantes que residem longe da sua terra natal e o contacto com a sua família e amigos ser realizado digitalmente.

Com isso, cabe fundamentar que a experiência foi relevante, pois permitiu a consciencialização de quanto a informação está presente nas vidas das pessoas, mesmo nas coisas mais ínfimas. Mostrou também que os meios tecnológicos foram os mais utilizados para suprir as necessidades informacionais.

O ponto-chave deste estudo é não somente a compreensão do comportamento do grupo, mas também entender e desenvolver competências digitais, uma vez que este universo está cada vez mais presente e premente na vida da sociedade da informação. De igual forma, trouxe *insights* de como gerir o tempo e os recursos de maneira a maximizar a produtividade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência apresentou a reflexão sobre a descrição das práticas informacionais de um grupo de estudantes do mestrado de gestão e curadoria da informação. A partir de uma análise qualitativa e fenomenológica desenvolveram-se vários modelos de comportamento informacional, permitindo a visualização global das práticas pelos estudantes.

Cabe sublinhar que existem outros trabalhos que analisam as práticas (Silveira, 2011), porém neste estudo, a autorreflexão sobre as mesmas demonstrou um maior nível de descrição das tarefas do que quando analisado por outros, apesar de inferir um elevado grau de subjetividade. Com isso, foi possível observar a imprescindibilidade da análise das práticas para mensurar as carências dos cidadãos e assim ajudá-los a adquirir habilidades e literacias, além da observação da tendência da “geração Google” para o uso das TIC e a necessidade de procura de informação nos diversos dispositivos tecnológicos.

O comportamento informacional é um assunto abrangente no qual diversas outras pesquisas podem ser realizadas. Temas como a literacia da informação, o contexto socioeconómico e cultural dos utilizadores da informação, as suas necessidades diante das barreiras do seu quotidiano,

o auxílio do gestor e curador da informação quanto às necessidades dos utilizadores, entre outros, devem ser estudados com profundidade.

REFERÊNCIAS

- Alves, A. A. & Moreira, J. M. (2004). *Cidadania Digital e Democratização Eletrónica*. Porto: Sociedade Portuguesa de Inovação.
- Barros, D. M. V. (2014). Estilos de coaprendizagem e alguns indicadores das competências digitais. *Educación*, 23(45), 91-105. Retirado de <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/educacion/article/view/10522>
- Calderaro, A. (2009). The Digital Divide, Framing and Mapping the Phenomenon. In E. Ferro; Y. K. Dwivedi; J. R. Gil-Garcia & M. D. Williams (Eds.), *Handbook of Research on Overcoming Digital Divides: Constructing an Equitable and Competitive Information Society* (pp. 21-39). Hershey, PA: IGI Global. <https://doi.org/10.4018/978-1-60566-699-0.ch002>
- Freire, I. M. (2010). Reflexões sobre uma ética da informação na sociedade em rede. *Ponto de Acesso*, 4(3), 113-133. <http://doi.org/10.9771/1981-6766rpa.v4i3.4518>
- Freitas, I. & Meirinhos, M. (2017). Questões éticas na era digital: implicações para a educação. In M. V. Pires et al. (Eds.), *II Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): livro de atas* (pp. 181-190). Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Retirado de <http://hdl.handle.net/10198/15533>
- Godinho, N. B., Gonçalves, R. B. & Almeida, A. S. (2015). Competências digitais e informacionais no ensino superior: um estudo com académicos na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 13(2), 437-454. <https://doi.org/10.20396/rdbci.v13i2.8635591>
- Gorichanaz, T. (2018). Information creation and models of information behavior: Grounding synthesis and further research. *Journal of Librarianship and Information Science*. Pré-publicação online. <https://doi.org/10.1177%2F0961000618769968>
- Hintz, A., Dencik, L. & Wahl-Jorgensen, K. (2017). Digital Citizenship and Surveillance Society. *International Journal of Communication*, 11, 731-739. Retirado de <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/5521>
- IFLA. (2019). *About the information Literacy Section*. Retirado de <https://www.ifla.org/about-information-literacy>

- Ikoja-Odongo, R. & Mostert, J. (2006). Information seeking behaviour: a conceptual framework. *South African Journal of Libraries and Information Science*, 72(3) 145-158. Retirado de <https://journals.co.za/content/liasa/72/3/EJC139832>
- Koltay, T. (2014). Big data, big literacies? *Čitalište*, 24, 3-8. Retirado de https://citaliste.rs/casopis/br24/koltay_tibor_e.html
- Lanzi, L. A. C., Vechiato, F. L., Ferreira, A. M. J. F. C., Vidotti, S. A. B. G. & Silva, H. C. (2012). Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano dos adolescentes: enfoque no comportamento e nas competências informacionais da 'geração Google'. *Informação & Informação*, 17(3), 49-75. <http://doi.org/10.5433/1981-8920.2012v17n3p49>
- Maghferat, P. & Stock, W. G. (2010). Gender-specific information search behaviour. *Webology*, 7(2). Retirado de <http://www.webology.org/2010/v7n2/a80.html>
- Mallows, D. (2017, 15 de setembro). O que é Literacia. *Associação o direito de aprender*. Retirado de <https://www.direitodeaprender.com.pt/artigos/o-que-e-literacia>
- Pathak, P. & Maity, G. (2017). Gender-specific information seeking behaviour. *International Journal of Digital Library Services*, 7(1). Retirado de <http://www.ijodls.in/uploads/3/6/0/3/3603729/5ijodls7117.pdf>
- Pereira, S. (Org.). (2011). *Literacia, Media e Cidadania*. Actas do 1º Congresso Nacional. Braga: CECS. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/39529>
- Pereira, S. & Pinto, M. (Eds.). (2017). *Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 4.º Congresso*. Braga: CECS. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/49363>
- Pereira, S. & Toscano, M. (Eds.). (2015). *Literacia, Media e Cidadania - Livro de Atas do 3.º Congresso*. Braga: CECS. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/39209>
- Rocha, J. A. P., Duarte, A. B. S. & Paula, C. P. A. (2017). Modelos de práticas informacionais. *Em Questão*, 23(1), 36-61. <https://doi.org/10.19132/1808-5245231.36-61>
- Sahavirta, H. (2018). A Garden on the Roof Doesn't Make a Library Green: A Case for Green Libraries. In P. Hauke; M. Charney & H. Sahavirta (Eds.), *Going Green: Implementing Sustainable Strategies in Libraries Around the World – Buildings, Management, Programmes and Services* (pp. 5-21). Berlim: De Gruyter Saur.

- Schmidt, S. & Stock, W.G. (2009). Collective indexing of emotions in images: a study in emotional information retrieval. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 60(5), 863-876. <https://doi.org/10.1108/00220411111183555>
- Silva, A. M. (2008). Inclusão Digital e Literacia Informacional em Ciência da Informação. *Prisma.com*, 7, 16-43. Retirado de <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2082>
- Silva, S. G. & Pereira, S. (Coords.) (2014). *Livro de Atas do 2.º Congresso Literacia, Media e Cidadania*. Lisboa: GMCS. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29811>
- Silveira, T. (2011). O impacto do contexto tecnológico no desenvolvimento da “arquitetura cerebral” para a leitura. In S. Pereira (Org.), *Literacia, Media e Cidadania: Actas do 1º Congresso Nacional* (pp. 295-331). Braga: CECS. Retirado de <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/lmc/article/view/471/442>
- Specktor, B. (2018, 30 de janeiro). Meet Erica, Japan’s Next Robot News Anchor. *Live Science*. Retirado de <https://www.livescience.com/61575-erica-robot-replace-japanese-news-anchor.html>
- Steinerová, J. & Šušol, J. (2007). Users’ information behaviour - a gender perspective. *Information Research*, 12(3). Retirado de <http://informationr.net/ir/12-3/paper320.html>
- Souza, K. P., Okada, A. & Silva, B. (2014). Competences for co-entrepreneurship: contribution to the understanding of the concept for Entrepreneurial education. *International Congress on Education, Innovation and Learning Technologies*, 134-146.
- Urquhart, C. & Yeoman, A. (2010). Information behaviour of women: theoretical perspectives on gender. *Journal of Documentation*, 66(1), 113-139. <https://doi.org/10.1108/00220411011016399>
- Wilson, T. D. (1997). Information behavior: an interdisciplinary perspective. *Information Processing & Management*, 33(4), 551-572. [https://doi.org/10.1016/S0306-4573\(97\)00028-9](https://doi.org/10.1016/S0306-4573(97)00028-9)
- Xie, H., Bao, J. & Morais, D. (2006). Exploring gender differences in information search among domestic visitors to Yellow Mountain and Guilin. In R. Burns & K. Robinson (Eds.), *Proceedings of the 2006 Northeastern Recreation Research Symposium* (pp. 120-125). Newtown Square, PA: Northern Research Station.

Citação:

Silva, G. C., Fernandes, M. & Aleixo, M. R. (2019). Comportamento informacional e literacia digital: uma experiência pedagógica. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 424-436). Braga: CECS.